

## Resenha do livro Amazone. Un monde en partage<sup>1</sup>

Review of the book Amazone. Un monde en partage

Reseña del libro Amazone. Un monde en partage

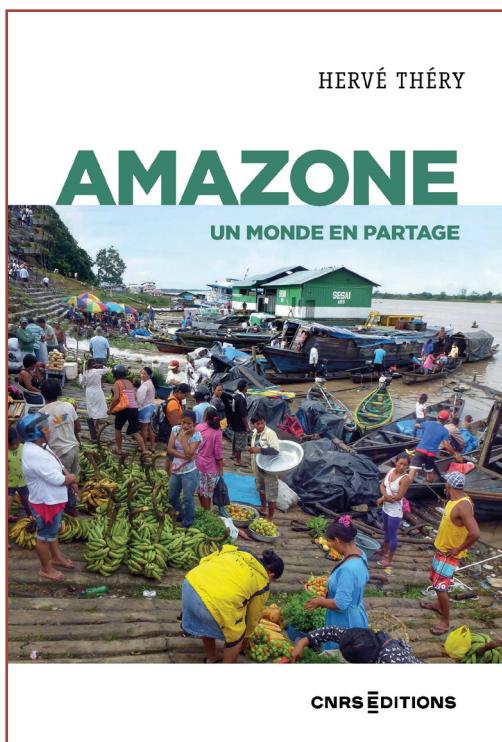
Critique du livre Amazone. Un monde en partage

Cláudio Luiz Zanotelli<sup>®</sup>

Universidade Federal do Espírito Santo

Vitória, Espírito Santo, Brasil

[claudio.zanotelli@ufes.br](mailto:claudio.zanotelli@ufes.br)



O livro, versão em francês (ainda não traduzido no Brasil), de Hervé Théry, *Amazone. Un monde en partage* (Amazonas. Um mundo compartilhado) publicado na prestigiosa Editora do CNRS na coleção *Geohistória de um rio*, que tem por objetivo apresentar “[...] não somente a fisiologia, a linearidade orgânica e as paisagens próprias aos maiores rios do mundo, mas abordar também sua história e os imaginários que os constroem e transfiguram”.

<sup>1</sup> THÉRY, Hervé. **Amazone. Un monde en partage**. Paris: CNRS Editions, 2024. 230 p.

Hervé Théry, geógrafo estudioso da Amazônia e do Brasil há décadas, nos faz ver e sentir a terra a partir do rio o que muda tudo na perspectiva geohistórica sobre os territórios amazônicos. Depois de nos relatar no prólogo a importância mundial do Amazonas, em particular, que o “Amazonas despeja 20% de toda a água doce que chega nos oceanos [...] e que essa descarga reduz a salinidade do Atlântico em uma área equivalente à do Mediterrâneo, que ele se estende por mais de 6.500 km e [...] sua bacia hidrográfica cobre metade do Brasil, 16% do Peru e 10% da Bolívia, além de tocar a Colômbia, o Equador e a Venezuela. Possui mais de 1.000 afluentes”.

O autor revela um paradoxo, apesar de todo o interesse pela região Amazônica a nível internacional, em particular as preocupações com os povos da floresta e a biodiversidade, o rio Amazonas – que também tem sofrido enormemente nos períodos de secas em função de fenômenos naturais acentuados pelas mudanças climática – aparece pouco nestas preocupações internacionais: “Neste caso não é a árvore que esconde a floresta, é a floresta que esconde o rio”.

Assim, Hervé, inicialmente, nos faz descobrir as paisagens da bacia do Amazonas na primeira parte do livro, descrevendo os regimes das águas particular do Amazonas, bem como a sua flora e fauna. Descreve a sua hidrologia, geomorfologia e seus ecossistemas (os mapas do livro são claros e didáticos, além disto, tem vários quadros e tabelas em anexo com as informações essenciais sobre o Amazonas). Na segunda parte, nos conta a geohistória da Amazônia antes e depois da chegada dos conquistadores e bandeirantes, bem como narra os mitos das Amazonas e a sua exploração e a exploração até o *boom* da borracha no fim do século XIX. Ficamos aqui sabendo, em particular, da história de Aguirre no século XVI em busca do El Dorado, Théry nos conta uma história saborosa sobre o filme de Werner Herzog de 1972, *Aguirre ou a cólera dos deuses* (em vários momentos do livro há referências a filmes). A filmagem foi realizada na região de Cuzco e nos rios Huallaga, Nanay e Urubumba, esse último no sopé da cidade Inca de Machu Pichu, são rios com torrentes extremamente fortes e perigosas que tem suas nascentes nas geleiras dos Andes. Pela pluma de Hervé, ficamos sabendo que “Klaus Kinski, o ator que interpreta Aguirre, assustava os indígenas sempre que discutia com Werner Herzog. “Sua atuação alucinante capturou a loucura da expedição e as imagens do início do filme, aquelas da travessia dos diferentes estratos da floresta perdida em névoas permanentes (chamadas em espanhol de *ceja de montaña*, a sobrancelha da montanha), são de tirar o fôlego”. Nessa parte,

ainda apresenta um mapa do “espaço-tempo” da Amazonia com os diferentes tipos de ocupação do século XVII até o século XX.

Na parte III, Théry descreve os povos Amazônicas, os ameríndios e as populações tradicionais ou os povos das florestas. Nos descreve as populações indígenas dos países que fazem parte da Bacia do Amazonas. Em particular, comenta os dados do Censo do IBGE de 2022 que indicam que o Brasil tinha 1.693.535 indígenas, ou seja, 0,83 % da população do país. Um crescimento de 88,8% da população indígena em relação a 2010. Uma evolução que se explica, nos diz Théry, pela mudança de metodologia do IBGE que introduziu a seguinte questão no Censo: “Você se considera indígena?” e isso em regiões que não são oficialmente “terras indígenas”, mas onde essas populações estão presentes. Essa questão se substitui aquela dos Censos anteriores sobre a cor da pele da pessoa e somente eram considerados aqueles que respondiam “indígena”, muitos desses últimos, no Censo de 2022, se identificavam antes com a cor “pardo”. Assim, a Amazônia concentra 45% dos efeitos indígenas do Brasil, com uma grande concentração no estado do Amazonas, 490.900 indígenas que conformam 305 grupos étnicos.

A parte IV do livro é intitulada “Navegar é preciso” em referência ao verso “Navegar é preciso, viver não é preciso” de um poema de Fernando Pessoa, verso que foi incorporado à canção de Caetano Veloso, *Os Argonautas*. Mas Hervé vai realizar a gênese dessa expressão na Roma Antiga, pois Plutarco a atribuiu à Pompeia. Aqui o autor vai descrever a história da navegação e os tipos de barcos que percorreram o Amazonas. Descrevendo, também, a navegação e as mudanças que ocorrem na Amazônia hoje e a sua dependência da navegação para a circulação de pessoas, mas, também, de mercadorias as mais diversas, em particular aquelas destinadas ao abastecimento da população das grandes cidades e com destino e origem na Zona Franca de Manaus e que circulam pelos portos e terminais localizados em duas partes da bacia: a Leste em Belém, Santarém e Óbidos; à Oeste, em Parintins, Itacoatiara e Manaus.

Na parte V e VI, irá nos descrever *As cidades do rio e as cidades das estradas* e as redes intrincadas que conectam a Amazônia aos centros urbanos dos países que a compõem. Assim, a Amazônia hoje tem a maior parte de sua população vivendo nas grandes e médias cidades, dentre os países que fazem parte dela, se estimava, em 2009, que cerca de 33,5 milhões de habitantes viviam na região amazônica, dos quais 62,8 % em zonas urbanas. Théry nos diz que como o traçado das estradas – frequentemente ortogonal – obedece

a uma geometria em geral diferente da rede fluvial, certas cidades constituíram um ponto de cruzamento entre a rede fluvial e a rede rodoviária, com a sobreposição da nova Amazonia das estradas à velha Amazônia dos rios e isso é demonstrado num interessantíssimo mapa que associa as duas redes (p. 121) e em outro que demonstra as principais conexões dessas duas redes na Amazônia hispanófona em conexão com cidades brasileiras (p. 152). O autor descreve, igualmente, a história das principais cidades da Amazônia. Evidentemente que o aumento da densidade das estradas na Amazônia tem colocado problemas importantes em termos de penetração de atividades econômicas legais e ilegais na floresta pública e em áreas de reservas e parques que impactam sobremaneira o meio.

Na parte VI, em particular, descreve as cidades impactadas pelos grandes eixos rodoviários e por atividades econômicas extrativas como o minério de ferro, o ouro, o petróleo e o gás, a construção de barragens ou a exportação de soja. Atividades e infraestruturas que provocam efeitos socioambientais devastadores.

Finalmente, a parte VII, a última parte do livro, Théry se interroga: pode-se efetuar grandes obras e intervenções infraestruturais no território e, ao mesmo tempo, proteger o Amazonas e a Amazonia? Com a expansão das construções de grandes eixos rodoviários e a multiplicação de estradas, a construção de barragens, as minerações diversas e outras formas de exploração dos territórios nos últimos 50 anos, se permitiu o avanço do desmatamento, as queimadas, a penetração de garimpeiros e de criadores de gado com impactos negativos significativos sobre o meio. Hervé Théry, levanta a seguinte questão: se o Amazonas e a bacia que ele drena são tão importantes para o funcionamento do clima, do planeta e de seu futuro, não deveria ele ser um patrimônio comum da humanidade?

Descreve, nessa parte, os desmatamentos, em particular no Brasil, identificando que o desmatamento na Amazônia brasileira passou de 27.772 km<sup>2</sup> em 2004 – durante os dois mandatos de Lula e até o fim do governo de Dilma Rousseff houve uma redução constante do desmatamento (83,6%) – a 4.571 km<sup>2</sup> em 2015. A partir daí, oscilou entorno deste patamar até 2017. Essa redução foi “resultado do Plano de Ação para a prevenção e o controle do desmatamento na Amazônia Legal”. Colocado em prática com a criação de zonas de proteção e a intensificação do controle e aplicação da lei.

Mas, nos lembra, que o desmatamento voltou a crescer a partir de 2018 (e da eleição de Jair Bolsonaro). Chegando a 13.038 km<sup>2</sup> em 2021 (entre 2019 e

2021 se destruiu, segundo os dados do INPE, 34.018 km<sup>2</sup> de floresta primária na Amazônia). Os dois primeiros anos do terceiro governo Lula (2023 e 2024) se traduziram por uma redução do desmatamento, assim de julho-agosto de 2022 a julho de 2023 se desmatou 9.064 km<sup>2</sup>, uma baixa de 21,8% em relação ao período de agosto 2021 a julho 2022.

As grandes barragens construídas nos afluentes do Amazonas são analisadas do ponto de vista de seu impacto sobre o ambiente e os modos de vida tradicionais dos povos indígenas e dos ribeirinhos, mas cada construção de barragem foi contestada no Brasil, desde Tucuruí e até mais recentemente Belo Monte, Santo Antônio e Jirau no rio Madeira.

As áreas de proteção ambiental são representadas em um mapa e as atividades de mineração em outro. Descreve as reservas naturais federais – sem contar a estaduais, municipais e particulares – que somam 185.000 km<sup>2</sup> (3,71% da região e equivalente a 1/3 do território francês), bem como as terras indígenas que totalizam 9000.000 km<sup>2</sup> (11% do território brasileiro e equivalente a uma vez e meia a França). Relata a necessidade de preservar e valorizar os patrimônios materiais, imateriais e culturais da região.

No capítulo *Repensar o Amazonas e a Amazônia*, explicita a localização do Amazonas no centro do continente, descrevendo as conexões e os contatos que o rio permite em intercessão com as vias terrestres. Em particular, tece considerações sobre a Organização do Tratado de Cooperação Amazônico (OTCA) que tem a participação de todos os países amazônicos. E com a Iniciativa para a Integração da Infraestrutura Regional Sul-Americana (IIRSA): “O Amazonas, com seus prolongamentos das estradas de rodagem, é considerado como um dos eixos possíveis para a travessia do continente do Atlântico ao Pacífico”. Mas, por outro lado, levanta o questionamento sobre os problemas que o modelo de desenvolvimento econômico dominante pode causar ao ambiente e às sociedades tradicionais. Porém invoca a possibilidade de valorização da biodiversidade e a possibilidade de se reconhecer e remunerar os serviços ambientais que aportam as sociedades autóctones e a natureza, em particular os rios. Descrevendo, dentre outras coisas, os projetos e realizações do governo brasileiro para maior conexão da região com o restante do país e a América do Sul, em particular aquela via internet por meio de cabos de fibra ótica que já foram em parte efetuadas e que poderiam se servir dos rios para sua expansão.

Finalmente, aborda a resposta à questão se a Amazônia deveria ser um patrimônio mundial da humanidade, questão levantada em função dos ris-

cos e das destruições provocadas pelo governo Bolsonaro na Amazônia que mobilizaram pessoas pelo mundo inteiro e que em retorno receberam uma resposta do governo de extrema direita baseada na “soberania” nacional e que haveria “ingerência em assuntos internos do país”.

Mas, diante dessas polêmicas, Hervé lembra de uma fala do senador Cristovam Buarque de 2008 no Senado brasileiro: “por que não se fala de internacionalização das ogivas nucleares dos Estados Unidos, que ameaçam o mundo bem mais que a destruição da Amazônia, se elas são utilizadas? Por que não internacionalizar os poços de petróleo, que são causa ainda mais dramáticas de emissões de CO<sub>2</sub> e do aquecimento do planeta?”.

E conclui “nesse debate recorrente e um pouco vazio, retenhamos uma coisa: o Amazonas e a Amazônia têm uma imagem tão forte que o rio, a floresta e seus habitantes, assim que as ameaças que pesam sobre eles, fascinam e inquietam o mundo inteiro”.

No fim do livro, Hervé Théry se explica sobre o subtítulo “um mundo em partilha”. O Amazonas e a Amazônia são um mundo em si mesmo, por sua dimensão, sua biodiversidade e etnodiversidade: 6.500 km de comprimento, 219.000 m<sup>3</sup> por segundo descarregados na foz, 390 bilhões de árvores pertencendo a 16.000 espécies, 305 grupos étnicos diferentes que falam 274 línguas e isso somente na Amazônia brasileira. E escreve que apesar da história, dos conflitos, da colonização, das invasões, das violências perpetradas contra as populações tradicionais se pode ter esperança, pois:

O Amazonas é uma das maravilhas que o mundo recebeu em partilha, e nos incumbe a todos – e claro primeiramente aos seus habitantes – de fazer bom uso.

Para isto deveria se encontrar modos de valorização e conservação que conciliem o bem-estar de todos que ali vivem e a atenção vigilante daqueles que a Amazônia fascina no mundo inteiro e, assim, se preservar vastas porções para que as gerações futuras possam, elas também, contemplar a beleza. ●

Resenha recebida em: 14/07/2025

Resenha aprovado em: 14/07/2025

Resenha publicado em: 15/07/2025